

Universidades Lusíada

Passinhas, Ânia Carina Peru, 1993-

A dinâmica familiar relacionada com a qualidade de vida dos filhos

<http://hdl.handle.net/11067/4660>

Metadados

Data de Publicação

2019

Resumo

A família é constituída por um grupo de pessoas que estão ligadas por relações de afeto ou parentesco. É um espaço de interações tais como os contactos corporais, a linguagem, a comunicação e as relações interpessoais. É também o espaço onde se vive relações afetivas nomeadamente, a filiação, a fraternidade, o amor e a sexualidade. Essas emoções podem ser positivas ou negativas, mas fazem com que cada pessoa seja única e que sinta que faça parte daquela família e não de uma outra qualquer. Tend...

A family is a group of people that are connected by affection or kinship. It's a space of interactions, such as body contacts, language, communication and interpersonal relationships. It's also the space where one lives affective relationships namely, membership, fraternity, love and sexuality. These emotions can be positive or negative, but they make each person unique and feeling that they belong to that family and not of any other. Based on the important role of the family, this study inten...

Palavras Chave

Pais e filhos, Parentalidade, Qualidade de vida

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T09:41:59Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Mestrado em Psicologia Clínica

**A dinâmica familiar relacionada com a
qualidade de vida dos filhos**

Realizado por:
Ânia Carina Peru Passinhas

Orientado por:
Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Constituição do Júri:

Presidente: Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita
Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Arguente: Prof. Doutor António Martins Fernandes Rebelo

Dissertação aprovada em: 22 de julho de 2019

Lisboa

2019



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

A dinâmica familiar relacionada com a qualidade de vida dos filhos

Ânia Carina Peru Passinhas

Lisboa

junho 2019



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

A dinâmica familiar relacionada com a qualidade de vida dos filhos

Ânia Carina Peru Passinhas

Lisboa

junho 2019

Ânia Carina Peru Passinhas

A dinâmica familiar relacionada com a qualidade de vida dos filhos

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Lisboa

junho 2019

Ficha Técnica

Autora Ânia Carina Peru Passinhas
Orientadora Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Título A dinâmica familiar relacionada com a qualidade de vida dos filhos
Local Lisboa
Ano 2019

Mediateca da Universidade Lusíada - Catalogação na Publicação

PASSINHAS, Ânia Carina Peru, 1993-

A dinâmica familiar relacionada com a qualidade de vida dos filhos / Ânia Carina Peru Passinhas ; orientado por Tânia Gaspar Sintra dos Santos. - Lisboa : [s.n.], 2018. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada.

I - GASPAR, Tânia, 1977-

LCSH

1. Pais e filhos
2. Parentalidade
3. Qualidade de vida
4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
5. Teses - Portugal - Lisboa

1. Parent and child

2. Parenthood

3. Quality of life

4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations

5. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HQ755.85.P37 2019

Agradecimentos

A todos os professores que me acompanharam na licenciatura e no mestrado e que contribuíram para o meu crescimento enquanto pessoa e enquanto profissional através da transmissão dos seus conhecimentos e experiências.

Agradeço à Professora Doutora Tânia Gaspar, pela orientação, apoio, disponibilidade e incentivo demonstrado não só durante a realização desta investigação mas também ao longo de todos os anos letivos, pois foi muito importante para a concretização de todo o percurso académico.

À Professora Doutora Túlia Cabrita, pelo profissionalismo, apoio, sugestões fornecidas, incentivo, disponibilidade demonstrada dentro e fora das aulas, carinho, empatia, compreensão, capacidade e preocupação em transmitir calma e tranquilidade aos seus alunos, assim como disponibilidade e capacidade para os ouvir sempre que preciso. Obrigada por tudo!

A todas as pessoas participantes para a recolha de dados, que disponibilizaram um pouco do seu tempo para fazer parte desta investigação, sem elas não seria possível.

À minha mãe, pela sua disponibilidade, paciência, compreensão, incentivo, preocupação, ajuda e apoio que teve comigo ao longo de todo o percurso académico, mas em especial neste último ano de mestrado. Muito obrigada!

Ao Pedro Crespo, pela sua simpatia, amizade, apoio, compreensão e também pela sua disponibilidade e ajuda dada para esta investigação.

À Marisa Bucho, pela sua especial e grande amizade, incentivo, disponibilidade, apoio, compreensão e partilha, estando presente em todos os momentos da minha vida e sendo também importante para a realização desta investigação.

Ao Dário Nicolau, pela capacidade inesgotável de me ouvir, compreender, apoiar, nunca ter deixado de acreditar em mim e que seria possível, mesmo quando eu

própria não acreditava, por nunca me ter deixado sozinha, com as minhas dúvidas, angustias e dificuldades, pelos sorrisos, gargalhadas, brincadeiras, espírito de entreatajuda, motivação e companheirismo. Muito obrigada!

Aos meus avós maternos, a razão pelo qual luto e me esforço todos os dias para atingir os meus objetivos, agradeço por sempre terem acreditado em mim e nunca terem duvidado, por toda a ajuda, compreensão, motivação, incentivo e apoio que me deram toda a minha vida, sem nunca me criticar ou me julgar, estarão para sempre presentes na minha memória e no meu coração. Eterno obrigada!

Resumo

A família é constituída por um grupo de pessoas que estão ligadas por relações de afeto ou parentesco. É um espaço de interações tais como os contactos corporais, a linguagem, a comunicação e as relações interpessoais. É também o espaço onde se vive relações afetivas nomeadamente, a filiação, a fraternidade, o amor e a sexualidade. Essas emoções podem ser positivas ou negativas, mas fazem com que cada pessoa seja única e que sinta que faça parte daquela família e não de uma outra qualquer.

Tendo por base a importante função da família, este estudo pretende analisar a perceção dos pais acerca da dinâmica familiar e a perceção da qualidade de vida dos filhos.

Esta investigação tem como objetivos específicos compreender e caracterizar a influência de diversas variáveis na dinâmica familiar, nomeadamente o género, a idade, o estatuto socioeconómico, a situação profissional atual (empregado/desempregado) e a escolaridade dos pais e a perceção que os pais têm da qualidade de vida dos filhos.

Este estudo teve um cariz quantitativo, tendo sido recolhida uma amostra de 1096 participantes, dos quais 855 são mães e 241 são pais, com filhos com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos de idade. A amostra foi selecionada obedecendo aos critérios ser progenitor/progenitora e ter pelo menos um filho com idade entre os 6 e os 16 anos de idade.

Para este estudo foram utilizados como instrumentos a escala de estilo do funcionamento familiar e a escala Kidscreen-10.

Os resultados de um modo geral demonstraram que a perceção que os pais têm da qualidade de vida dos filhos é influenciada pela variável situação atual dos pais (empregado/desempregado) em que se verificou diferenças estatisticamente significativas. Já relativamente à dinâmica familiar foi possível verificar que a variável

gênero não influencia a dinâmica familiar mas que as variáveis idade dos pais (na dimensão compromisso), estatuto socioeconómico (na dimensão recursos), situação atual dos pais (na dimensão compromisso) e escolaridade dos pais (nas dimensões valores e recursos) têm influência na dinâmica familiar.

Palavras-chave: Família, Parentalidade, Dinâmica familiar, Filhos, Qualidade de vida.

Abstract

A family is a group of people that are connected by affection or kinship. It's a space of interactions, such as body contacts, language, communication and interpersonal relationships. It's also the space where one lives affective relationships namely,

membership, fraternity, love and sexuality. These emotions can be positive or negative, but they make each person unique and feeling that they belong to that family and not of any other.

Based on the important role of the family, this study intends to analyze the parents perception about the family dynamics and the perception of the quality of life of the their children.

The purpose of this research is to understand and characterize the influence of several variables on family dynamics, such as gender, age, socioeconomic status, current professional situation (employed / unemployed) and parental schooling, and the perception that parents have on the quality of life of their children's.

This study had a quantitative nature, having collected a sample from 1096 participants, of which 855 are mothers and 241 are fathers, with children aged 6 to 16 years old. The sample was selected following the criteria being a progenitor/progenitress and have at least one child aged between 6 and 16 years old.

For this study the following instruments were used, the scale of family functioning style and the scale Kidscreen-10.

The results generally showed that the parents perception of their children's quality of life is influenced by the variable of the current professional situation of the parents (employee / unemployed) where it was found significant statistically differences. Regarding the family dynamics, it was possible to verify that the gender variable does not influence the family dynamics but rather that the variables of the age

of the parents (in the commitment dimension), socioeconomic status (in the resources dimension), current parents' situation (in terms of values and resources) influences the family dynamics.

Keywords: Family, Parenting, Family dynamics, Children, Quality of life.

Lista de Tabelas

Tabela 1 - <i>Distribuição nas dimensões da escala de estilos de funcionamento familiar</i>	27
Tabela 2 - <i>Distribuição nas dimensões da escala Kidscreen-10</i>	27
Tabela 3 - <i>Diferenças de médias entre a dinâmica familiar e o género dos pais</i>	28
Tabela 4 - <i>Diferenças de médias entre a qualidade de vida dos filhos e o género dos pais</i>	28
Tabela 5 - <i>Diferenças de médias entre a dinâmica familiar e a idade dos pais</i>	29
Tabela 6 - <i>Diferenças de médias entre a qualidade de vida dos filhos e a idade dos pais</i>	29
Tabela 7 - <i>Diferenças de médias entre a dinâmica familiar e o estatuto socioeconómico</i>	30
Tabela 8 - <i>Diferenças de médias entre a qualidade de vida e o estatuto socioeconómico</i>	30
Tabela 9 - <i>Diferenças de médias entre a dinâmica familiar e a situação profissional atual dos pais</i>	31
Tabela 10 - <i>Diferenças de médias entre a qualidade de vida e a situação profissional atual dos pais</i>	31
Tabela 11 - <i>Diferenças de médias entre a dinâmica familiar e a escolaridade dos pais</i>	32
Tabela 12 - <i>Diferenças de médias entre a qualidade de vida e a escolaridade dos pais</i>	32
Tabela 13 - <i>Regressão linear das variáveis género e idade como tentativa de prever a perceção da qualidade de vida (modelo 1)</i>	33

Tabela 14 - *Regressão linear das variáveis género, idade, interação, valores, coping, compromisso e recursos como tentativa de predizer a perceção da qualidade de vida (modelo 2)* 33

Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

- % - Percentagem
- ANOVA - Análise de Variância
- B - Coeficiente não padronizado
- Beta - Coeficiente de regressão padronizada
- DP - Desvio padrão
- EEFF - Escala de Estilos de Funcionamento Familiar
- ESE - Estatuto Socioeconómico
- F - Teste F
- KIDSCREEN- - *Health-Related Quality of Life Questionnaire for Children*
10 *and Young People*
- M - Média
- n - Dimensão da amostra
- n.s. - Não significativo
- OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
- OMS - Organização Mundial de Saúde
- p - Nível de significância estatística
- SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*
- t - Teste *t*
- WHO - World Health Organization

Sumário

Agradecimentos	V
Resumo.....	VII
Abstract	IX
Lista de Tabelas	XI
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	XIII
Sumário	XV
Introdução.....	1
Enquadramento Teórico	3
Família	3
Parentalidade	4
Qualidade de vida.....	11
Fatores sociodemográficos que influenciam a dinâmica familiar.....	16
Objetivos	21
Metodologia.....	23
Participantes	23
Instrumentos	23
Procedimento.....	25
Resultados	27
Análise de Variância (ANOVA).....	28
Regressão	33
Discussão.....	35
Compreender e caracterizar o impacto do género dos pais na dinâmica familiar e na perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos.....	35
Compreender e caracterizar o impacto da idade dos pais na dinâmica familiar e na perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos.....	36
Compreender e caracterizar o impacto do estatuto socioeconómico dos pais e da sua situação profissional atual (empregado/desempregado) na dinâmica familiar e na perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos.....	36
Compreender e caracterizar o impacto da escolaridade dos pais na dinâmica familiar e na perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos	38
Conclusão	41
Referências	43
Anexos	49
Lista de anexos	51
Anexo A.....	53
Anexo B	59
Anexo C.....	73

Anexo D..... 77

Introdução

A família é muito importante para a formação das crianças enquanto seres individuais e em sociedade. Tendo em conta o tema em estudo é importante destacar conceitos como a família, a parentalidade e a qualidade de vida.

A família é naturalmente o lugar onde nascemos, crescemos e morremos. É um espaço de interações tais como os contactos corporais, a linguagem, a comunicação e as relações interpessoais. É também o espaço onde se vive relações afetivas tais como a filiação, a fraternidade, o amor e a sexualidade. Essas emoções podem ser positivas ou negativas, mas fazem com que cada pessoa seja única e que sinta que faça parte daquela família e não de uma outra qualquer (Alarcão, 2002).

A transição para a parentalidade leva a alterações na estabilidade do sistema familiar, o que leva o casal a fazer reajustes de forma a alcançar um novo equilíbrio em que passa a ser incluído um novo membro, um filho (Pluciennik, Lazzari, & Chicaro, 2015). A parentalidade refere-se às funções executivas de proteção, educação e integração na cultura familiar das gerações mais novas. (Sousa, 2006).

Relativamente à qualidade de vida, relaciona-se com todos os aspetos do bem-estar da pessoa (físico, psicológico e social) e inclui o seu ambiente (Harding, 2001). Para Wallander e Schmitt (2001), a qualidade de vida é a articulação entre a perceção de bem-estar objetivo e subjetivo em diversos domínios da vida, considerados importantes num determinada cultura e tempo, tendo em conta os níveis uníveis dos direitos humanos.

A escolha deste tema visa dar um contributo e um complemento à literatura, tendo em conta que há muita escassez de literatura relativa à dinâmica familiar.

Este estudo tem como objetivo geral estudar a influência da dinâmica familiar na qualidade de vida dos filhos. Os objetivos específicos desta investigação são verificar de que

forma as variáveis sociodemográficas (género, idade, estatuto socioeconómico, situação atual dos pais e escolaridade) influenciam a dinâmica familiar e a perceção que os pais têm da qualidade de vida dos filhos.

Relativamente à estrutura do presente trabalho, encontra-se dividido em seis partes. Numa primeira parte, irá ser apresentada o enquadramento teórico, onde são explorados os temas e subtemas do corpo deste trabalho que são eles a família, a parentalidade, a qualidade de vida e onde também será um pouco abordada a questão da idade e género. Numa segunda parte, serão apresentados os objetivos gerais e específicos da presente investigação. Numa terceira parte, será apresentada a metodologia onde serão descritos a amostra, os instrumentos e os procedimentos utilizados para a realização do estudo. Numa quarta parte, serão apresentados os resultados. Numa quinta parte, será apresentada a discussão que explica e relaciona os resultados encontrados com a literatura existente. Por fim, a sexta parte, que corresponde à conclusão e onde são apresentados os resultados sucintos tendo em conta os objetivos propostos, sendo também apresentadas as principais limitações do estudo e sugestões para futuras investigações.

Enquadramento Teórico

Família

O conceito de família tem vindo a modificar-se ao longo dos anos por vários fatores relacionados com o desenvolvimento e progresso das sociedades. Através das alterações sofridas ao longo dos anos por este conceito foram estabelecidos novos tipos de família, como a família nuclear, as uniões de facto, as uniões livres, as famílias recompostas, as famílias monoparentais e ainda as famílias homossexuais (Gaspar, 2016).

É habitual pensarmos na família como o lugar onde naturalmente nascemos, crescemos e morremos. É um espaço privilegiado para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interação tais como os contactos corporais, a linguagem, a comunicação, as relações interpessoais. É, ainda, o espaço de vivência de relações afetivas profundas nomeadamente a filiação, a fraternidade, o amor e a sexualidade. São vividas emoções e afetos positivos e negativos que fazem cada pessoa ser única e um sentimento de pertencermos àquela e não a outra qualquer família. A família é também um grupo relativamente estável e que constitui uma importante base da vida social (Alarcão, 2002).

A família é um dos primeiros meios de socialização do indivíduo, transmitindo padrões, modelos e influências culturais. A família procura assegurar a continuidade e o bem-estar de cada membro, assim como a própria família no seu conjunto, sendo vista como um sistema social responsável pelos valores, crenças, ideias e significados que estão refletidos nas sociedades (Kreppner, 2000).

Apesar das novas formações dos sistemas familiares, a essência do conceito mantém-se, a família como grupo social em que os seus membros coabitam ligados por uma ampla complexidade de relações interpessoais. Outro aspeto a frisar é a diferenciação que cada indivíduo tem dentro do sistema familiar. Um indivíduo, ao pertencer a diferentes

subsistemas, (conjugal, parental, fraternal), experimenta diferentes níveis de poder e aprende as especificidades de cada papel (Dias, 2000). Estes subsistemas relacionam-se entre si e têm várias funções na sociedade como o afeto, a educação, a socialização e funções reprodutoras (Dias, 2011). Estes sistemas estão em constante interação o que leva a uma influência direta de uns membros da família sobre os outros e também na própria dinâmica familiar. O desenvolvimento da família e dos seus membros é influenciada principalmente pela qualidade das relações (Pinto, 1997).

À medida que o conceito de família foi evoluindo, foram surgindo novos tipos de família, novos conceitos, novas composições e funções, como família nuclear, uniões de facto, as famílias recompostas, monoparentais e homossexuais (Dias, 2000).

A família é um sistema criado por pessoas com identidades e características únicas. Estas características pessoais e individuais dos pais vão afetar o desenvolvimento dos filhos, assim como as características individuais dos filhos vão também influenciar na dinâmica familiar (Bornstein & Sawyer, 2006).

Com a evolução da família e à medida que os filhos vão crescendo, os limites e as regras da família vão-se alterando. Os filhos vão participando cada vez mais nas decisões e na conduta familiar à medida que se vão tornando adolescentes, tendo os pais como ponto de referência (Gomes, 2003).

Parentalidade

Ao longo do tempo vão ocorrendo alterações no ciclo vital do sistema familiar que podem passar por diversas etapas nomeadamente a formação do casal, a família com filhos pequenos, a família com filhos na escola e a família com filhos adultos. Todas estas fases encontram-se ligadas ao conceito de parentalidade por representarem fases distintas em termos emocionais e comportamentais na relação pais-filhos. Sendo a família um sistema de

interações entre os seus membros é constituído um sistema familiar próprio a cada família onde são atribuídos diferentes papéis sociais e emocionais aos seus membros atribuindo para uma riqueza própria de cada sistema. (Gaspar, 2016)

A transição para a parentalidade promove alterações na estabilidade do sistema familiar, o que implica que o casal faça reajustes para alcançar um novo equilíbrio, no qual passa a ser incluído um novo membro familiar – um filho – e com isto, um novo subsistema, o parental.

O conceito de “parentalidade” é definido por alguns investigadores como sendo o conjunto de “atividades propositadas no sentido de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança”, num ambiente seguro, de modo a socializar a criança e atingir o objetivo de torná-la progressivamente mais autónoma (Pluciennik, Lazzari, & Chicaro, 2015).

A parentalidade refere-se às funções executivas de proteção, educação e integração na cultura familiar das gerações mais novas. Ressalve-se que estas funções podem estar a cargo não só dos pais biológicos, mas também de outros familiares ou até de pessoas que não sejam da família (Sousa, 2006).

Os casais quando decidem ter filhos, muitas vezes acreditam que exercer a parentalidade é algo inato e que a sua experiência enquanto filhos serve de escola para este novo papel. Facto é que, apesar da parentalidade ser um processo tão antigo como o mundo, continua a ser um desafio repleto de dúvidas e incertezas (Costa in Cruz e Pinho, 2006).

A parentalidade subdivide-se em atividades parentais (conjunto de atividades necessárias para uma parentalidade suficientemente adequada), áreas funcionais (principais aspetos do funcionamento da criança) e pré-requisitos (conjunto de especificidades necessárias para o desenvolvimento da atividade parental).

Relativamente às atividades parentais destacam-se as dimensões de cuidado, disciplina e desenvolvimento em que os objetivos são assegurar a prevenção de adversidades que a criança possa sofrer, assim como promover situações positivas que ajudem ao longo da sua vida. Os pais devem garantir também os cuidados de nível físico como a garantia de alimentos, proteção, vestuário, higiene, hábitos de sono, assim como a prevenção de acidentes ou de doenças. Os cuidados emocionais integram comportamentos e atitudes que asseguram o respeito da criança como indivíduo, a sua perceção de ser estimada e apreciada e, também, oportunidades para que ela possa gerir os seus riscos e fazer as suas próprias escolhas (Barroso & Machado, 2010). Com estes pressupostos aspira-se à criação de uma interação positiva, consistente e estável entre a criança e o ambiente (físico e interpessoal), facilitando uma vinculação segura e criando uma orientação otimista em relação a novas experiências. A qualidade de vinculação é concebida como tendo um papel crucial no desenvolvimento da criança, assim como a relação afetiva na educação infantil.

Relativamente aos cuidados sociais o objetivo é garantir que a criança não seja isolada dos seus pares ou adultos significativos no curso do seu desenvolvimento. Deve existir ajuda para que esta se torne socialmente competente bem integrada em casa e na escola e aceite as progressivas responsabilidades na execução de tarefas e no relacionamento com os outros. Deve também ser imposto limites à criança de forma culturalmente apropriada à sua idade, colocando-se ênfase no controle comportamental. Estas implicam todas as atividades que os pais realizam com os seus filhos desde o nascimento, incluindo a incitação parental para a realização de determinadas atividades pela criança, a supervisão desse desempenho e o assegurar de que os seus comportamentos permanecem “dentro dos limites razoáveis”. Em relação às atividades de desenvolvimento, estas são guiadas pelos desejos parentais de que a criança realize todo o seu potencial em todas as áreas de funcionamento como promoção de

competências desportivas, artísticas e/ou culturais e também o inculcar de valores tais como, a tolerância, a honestidade, coragem e respeito pelos outros (Pluciennik, Lazzari, & Chicaro, 2015).

Segundo Houghughi (2004), a funcionalidade física relaciona-se com os aspetos do estado de saúde física da criança, as suas necessidades de sobrevivência e a otimização do seu bem-estar. O foco da atenção parental é aqui direcionada para a prevenção dos danos e a provisão de oportunidades para um crescimento positivo a este nível. É necessário que os pais compreendam o que é que determinado comportamento ou condição pode significar para a criança.

A motivação para a parentalidade prende-se, de um modo positivo ou negativo, com questões ligadas aos papéis sociais e à identidade de cada um dos progenitores, exigências profissionais e aceitação da responsabilidade e correspondente autoridade em relação à criança (Pluciennik, Lazzari, & Chicaro, 2015).

Em relação aos recursos como um dos pré-requisitos para um bom funcionamento da atividade parental, Houghughi (2004) refere as qualidades parentais (abordagem interativa com a criança, sublinhando-se eventuais traços de personalidade na manifestação deste comportamento), as competências parentais (adquiridas de modo formal, por exemplo, através de programas parentais e informais, recebidas por exemplo, pelas suas próprias experiências ou observando outros pais), redes sociais (presença, envolvimento e responsabilidade dos outros, sendo eles amigos, vizinhos ou familiares) e recursos materiais (recursos económicos para a subsistência e para o desenvolvimento da criança).

Deve também haver tempo necessário para que os pais exerçam da melhor forma as suas atividades parentais, nas quais se inserem as situações resultantes da necessidade

contemporânea de envolvimento profissional de ambos os elementos do casal, o qual por vezes acarreta um menor tempo despendido com os filhos (Houghghi, 2004).

Uma vez que é socialmente impossível as crianças desenvolverem-se sozinhas, os pais constituem o seu meio de crescimento, no entanto existem vários fatores que podem comprometer os comportamentos parentais. A parentalidade é diretamente influenciada por três determinantes: fatores individuais dos pais: (ex: personalidade e psicopatologia), características individuais da criança (ex: temperamento) e fatores do contexto social alargado onde a relação pais-criança se encontra estabelecida (ex: relações conjugais, ocupação profissional parental, redes de suporte social). Assim, as histórias desenvolvimentais dos pais, o seu relacionamento conjugal e a sua posição profissional influenciam as suas personalidades e estados psicopatológicos, que, por sua vez, afetam o processo de parentalidade e este, conseqüentemente, tem efeitos no desenvolvimento infantil. Destaca-se também a importância da vizinhança e da comunidade no desempenho do papel parental (Pluciennik, Lazzari, & Chicaro, 2015).

Devem-se considerar cinco parâmetros do funcionamento familiar que são eles: a Liderança (resultante das personalidades dos pais, as características da coesão parental, a complementaridade dos papéis parentais e o uso do poder dos pais, isto é métodos e disciplina), Fronteiras na família (que abrange as fronteiras do ego, fronteiras entre gerações e fronteiras família-comunidade), Afetividade (privacidade interpessoal, equivalência das tríades familiares, tolerância dos elementos da família para com os sentimentos dos outros e a emocionalidade do conjunto), Comunicação (capacidade de resposta de cada elemento da família aos outros, medida de congruência das comunicações verbais e não verbais, clareza da forma e sintaxe da conversa entre eles e a natureza do pensamento abstrato e metafórico dos seus membros), e o Desempenho de tarefas/objetivos (compreende os cuidados prestados aos

elementos da família, a forma como os filhos dominam o processo de separação da família, o controlo e orientação do comportamento, a natureza das relações dos elementos da família com os seus pares e a orientação que lhes é dada para tal, as atividades de lazer, a forma como a família lida com as crises e a adaptação dos seus membros depois de deixarem a família origem) (Barker, 2000).

É raro que as famílias se desenvolvam de forma tranquila e completamente previsível. A sua evolução pode ser afetada pela morte de elementos, separação, divórcio dos conjugues, nascimento tardio de um ou mais filhos após os outros estarem crescidos, a chegada de novas crianças a uma família reconstruída, doença crónica, contratempos financeiros, migração para uma nova cultura, desastres naturais, serviço militar, guerra e muitas outras circunstâncias (Barker, 2000).

As famílias passam por diferentes estágios em que segundo Duvall nos anos cinquenta existem oito estágios que são eles: 1) Casais sem filhos (estabelecimento de uma relação conjugal mutuamente satisfatória; preparação para a gravidez e para a parentalidade), 2) Famílias com recém-nascidos (ajustamento às exigências de desenvolvimento de uma criança dependente), 3) Famílias com crianças em idade pré-escolar (adaptação às necessidades e interesses das crianças no sentido da sua estimulação e promoção do desenvolvimento), 4) Famílias com crianças em idade escolar (assumir responsabilidades com crianças em meio escolar; relacionamento com outras famílias na mesma fase), 5) Famílias com filhos adolescentes (facilitar o equilíbrio entre liberdade e responsabilidade; partilha desta tarefa com a comunidade; estabelecimento de interesses pós-parentais), 6) Famílias com jovens adultos (permitir a separação e o “lançamento” dos filhos no exterior, com rituais e assistência adequada como por exemplo para o primeiro emprego ou educação superior; manutenção de uma base de suporte familiar), 7) Casal na meia idade (reconstrução da

relação de casal; redefinição das relações com as gerações mais velhas e mais novas), 8) Envelhecimento (ajustamento à reforma; aprender a lidar com as perdas (luto) e a viver sozinho; adaptação ao envelhecimento (Relvas, 2004).

As características da criança são determinantes no processo de parentalidade, sendo que um temperamento difícil por parte da criança (ex: maior negatividade, irritabilidade persistente ou pouca sociabilidade) tende a suscitar nos pais um comportamento menos responsivo, com maior hostilidade e, por vezes com menor sensibilidade às necessidades da criança. Belsky (1984) sublinha que não são as características da criança, por si só, que influenciam diretamente a parentalidade, mas sim a compatibilidade ou conformidade entre as características da criança e dos pais. Refere que também certos fatores da personalidade dos elementos parentais facilitam a parentalidade.

As experiências desenvolvimentais como as experiências familiares, comportamentos dos pais, ocupação profissional, os seus traços de personalidade, o seu bem-estar, a sua rede de suporte social e as suas características influencia a qualidade de vida das crianças (Pluciennik, Lazzari, & Chicaro, 2015).

Houseknecht e Hango (2006) verificaram os impactos negativos da conflituosidade conjugal na saúde física e mental da criança.

Os estudos têm vindo a demonstrar que experiências desenvolvimentais positivas parecem dar origem a um desenvolvimento estável da personalidade e, desta forma, a um funcionamento familiar positivo, em particular nas relações conjugais e interações pais-filhos (Gaspar, 2016)

Associado ao tema parentalidade surgiu o conceito de parentalidade positiva que requer o desenvolvimento de um relacionamento seguro com a criança, onde há a preocupação com o seu superior interesse, permitindo o seu crescimento, a educação, a

capacitação e a orientação, com imposição de limites e sem recurso a violência, sempre com vista ao seu pleno desenvolvimento. O progresso de uma parentalidade positiva e o apoio aos pais neste processo deve focar-se nas suas potencialidades, tendo em conta os seus pontos fortes e as particularidades (Lopes, 2012)

À parentalidade está associado o uso do amor, do apoio e do respeito, ao longo do crescimento e desenvolvimento da criança, procurando aumentar a sua autoestima e autoconfiança, sendo por isso determinante nos primeiros anos de vida (American Academy of Pediatrics, 2005).

No entanto, é preciso ter em conta que a parentalidade pode ser influenciada negativamente, devido ao facto de ser praticada sem lugar à reflexão por parte dos pais, pois, muitas vezes, a parentalidade praticada tende a cair na rotina, tornando-se praticamente automatizada. A investigação referente à dinâmica entre pais e filhos mostra também que é cada vez mais notório o interesse dos pais, em perceber e aprender mais sobre a parentalidade adequada, sobretudo em aprender mais sobre temáticas relacionadas com a educação da criança e os seus níveis de aprendizagem, assim como alguns aspetos do quotidiano, tais como a higiene pessoal. Apesar de recorrerem cada vez mais a programas parentais, estas mesmas investigações revelam que a adesão ainda não é suficiente (Barros, 2015).

Qualidade de vida

O conceito de qualidade de vida tem vindo a aumentar de importância na última década. Definido como um constructo multi-dimensional com aplicação e relevância para as pessoas, de todas as faixas etárias, de todas as culturas, estatuto socioeconómico ou localização geográfica. Qualidade de vida relaciona-se com todos os aspetos do bem-estar da pessoa (físico, psicológico e social) e inclui o seu ambiente (Harding, 2001).

Wallander e Schmitt (2001) propõem que qualidade de vida é a articulação entre a percepção de bem-estar objetivo e subjetivo em diversos domínios da vida, considerados importantes numa determinada cultura e tempo, tendo em conta os níveis universais dos direitos humanos.

A Organização Mundial de Saúde define qualidade de vida como a saúde física, estado psicológico, o nível de independência, as relações sociais e as relações do indivíduo com o contexto em que está inserido. Ainda a OMS ilustra a qualidade de vida como conceito mais genérico, como a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores em que se insere e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (WHO, 2012).

Ribeiro (2003) apresenta algumas definições de qualidade de vida, nomeadamente identificando-a com o conceito de saúde positiva da OMS (WHO, 1986), um estado de bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade; a percepção subjetiva de satisfação ou felicidade com a vida em domínios importantes para o indivíduo; a diferença entre as expectativas do indivíduo e a sua experiência atual; a percepção do indivíduo face à sua posição na vida em termos do contexto cultural e do sistema de valores a que pertence e em relação aos seus objetivos, expectativas, metas e preocupações; e a experiência em vez das condições de vida, onde a relação entre as condições objetivas e o estado psicossocial é imperfeita e que, para conhecer a experiência da qualidade de vida, é necessário o recurso direto à descrição do próprio indivíduo sobre o que sente pela sua vida. Todas estas definições envolvem conceitos como o bem-estar, a felicidade, a expectativa e a funcionalidade (Bramston, Chipuer & Pretty, 2005; Bramston, Pretty & Chipuer, 2002).

As crianças e os adolescentes têm vindo a ser reconhecidos como importantes facetas da saúde pública global. Adotando a abordagem ligada à qualidade de vida, é possível

aumentar a compreensão e conhecimento sobre a saúde das crianças e dos adolescentes e estabelecer políticas promotoras da sua saúde e do seu bem-estar (Fuh, Wang, Lu & Juang, 2005).

Warming (2003) reforça que as crianças e os adolescentes são reconhecidos como atores sociais nas suas próprias vidas, assim como nas vidas dos outros e na sociedade em que vivem. Tem-se verificado um crescente reconhecimento dos seus direitos individuais. Partindo de uma abordagem construtivista da experiência que a criança e o adolescente têm de qualidade de vida e da forma como podem obter essa qualidade, é visto como um aspeto do foro social mais do que um aspeto da personalidade da criança ou do adolescente.

Harding (2001) apresenta uma revisão de abordagens teóricas da qualidade de vida de crianças e adolescentes. Baseados no nível de saúde e incapacidade funcional, os primeiros modelos de qualidade de vida limitavam-se às funções, assumindo que as pessoas com doenças crónicas tinham necessariamente um pior funcionamento do que as pessoas saudáveis. No entanto, Huebner Suldo, Smith e McKnight (2004) defendem que indivíduos sem problemas de saúde física ou mental podem reportar baixa qualidade de vida e similarmemente indivíduos com problemas de saúde podem reportar alta qualidade de vida.

Se as crianças ou os adolescentes apresentarem mais fatores protetores, eles irão avaliar a sua qualidade de vida como mais elevada. O fator protetor pode mediar a relação entre as características e as competências da criança e do adolescente e consequentemente, a sua qualidade de vida (Lawford & Eiser, 2001; Morgan, 2007).

Wallander e Schmitt (2001) referem uma estrutura dimensional da qualidade de vida, que apresenta um ponto de equilíbrio entre uma perspetiva compreensiva e parcimoniosa. Essa estrutura dimensional da qualidade de vida envolve cinco domínios nomeadamente o bem-estar material: finanças, qualidade de habitação, transporte; o bem-estar físico, que

envolve a saúde, capacidade física, mobilidade, segurança pessoal; o bem-estar social, associado às relações interpessoais e envolvimento comunitário; o bem-estar emocional, relacionado com o positivismo/otimismo, estatuto, respeito, saúde mental, stresse, fé, crença e auto-estima; e o bem-estar produtivo, relacionado com competência, produtividade e contribuição. Estas abordagens diferem quanto ao foco nomeadamente a objetiva qualidade das condições em que a criança e o adolescente vivem; a satisfação subjetiva da criança e do adolescente fase às suas necessidades de vida; a combinação de abordagens subjetivas e objetivas; ou a combinação de perspetivas subjetivas e objetivas em determinados domínios da qualidade de vida da criança e do adolescente.

A qualidade de vida em crianças e adolescentes está intimamente relacionada com a sua saúde mental e bem-estar subjetivo. Podem ser propostas diversas estratégias para promover a qualidade de vida em crianças e adolescentes. O desenvolvimento psicológico e cognitivo das crianças e também, dos adolescentes depende da qualidade das relações com os seus pais (Gaspar, Matos, Ribeiro & Leal, 2006).

As crianças que crescem em famílias que proporcionam segurança e afeto aprendem a gerir melhor as emoções e os afetos, as separações e a fazer face aos problemas quotidianos. Diversos estudos mostram que uma relação estável e segura entre a mãe e a criança está associada a níveis relativamente baixos de stresse quando a criança é confrontada com situações estranhas ou novas ou com situações de separação (Herstgaard, 1995).

Também numerosas investigações mostram que a melhor proteção das crianças ao stresse e aos traumatismos são os pais, a família, sobretudo se têm um bom nível socioeconómico, suporte social uma boa inserção na comunidade e se têm capacidade de controlar os sentimentos de medo e angústia. Os cuidados e práticas parentais desempenham um papel decisivo no desenvolvimento afetivo, social e cognitivo da criança. As relações

afetivas e sociais entre pais e filhos são indispensáveis para um desenvolvimento saudável, fornecendo as interações sociais e uma comunicação de qualidade entre pais e filhos, bases para a futura saúde mental e física da criança e do adolescente, para a aceitação de regras e obrigações, para a inserção social e profissional e para a vivência harmoniosa em sociedade. A qualidade das relações precoces com a mãe e o pai, das relações familiares e do comportamento parental vai ter influência na qualidade dos cuidados prestados à criança, na própria vinculação e no tipo de cuidados que o indivíduo vai prestar na idade adulta, sendo o comportamento parental em relação à criança influenciado não só pela história, características e competências das mães e dos pais, mas também, pelas próprias características da criança e por fatores e características dos contextos social e familiar (Ramos, 2004).

Nas famílias problemáticas, as crianças e jovens elaboram, sobretudo, estratégias disfuncionais face a acontecimentos stressantes quotidianos, nomeadamente estratégias centradas na cólera, ansiedade ou desânimo. A falta e/ou inadequação de cuidados à criança são responsáveis por muitos disfuncionamentos e perturbações de desenvolvimento e personalidade que afetam a saúde física e mental da criança e o seu desenvolvimento e adaptação futura, nomeadamente a negligência permanente das necessidades físicas; a negligência permanente das necessidades psicológicas e emocionais básicas, como sejam, afeto, proteção, proximidade e estimulação; as mudanças repetidas das pessoas que cuidam da criança, dificultando a formação de vínculos seguros e estáveis e os princípios rígidos e contraditórios de cuidados à criança (Ramos, 2004).

Alguns grupos de crianças não têm a capacidade de fornecimento de relatos sobre a sua qualidade de vida, quer devido à tenra idade, quer porque estão doentes ou com uma incapacidade funcional. A única forma de obter informação sobre a qualidade de vida destas crianças é pelo uso de fontes complementares, tais como, os pais, a quem é pedido que

reflitam sobre a percepção da criança e do adolescente. A opinião dos autores varia quanto à concordância entre os discursos destas fontes complementares e os das crianças. No entanto diversos estudos revelam uma concordância moderada, variando segundo o género, a idade e outras condições (Chang & Yeh, 2005; Wallander & Schmitt, 2001).

Os aspetos sociais e psicológicos da qualidade de vida são menos observáveis do que os aspetos físicos. A maior parte das crianças tem uma perspetiva mais pessimista sobre o seu funcionamento físico do que os seus pais, o mesmo ocorre, com as dimensões relacionadas com o funcionamento cognitivo, emoções positivas e negativas (aspetos psicológicos da qualidade de vida). Foram encontradas diferenças de idade na concordância pais-filhos, em relação aos valores baixos das emoções positivas e em itens relacionados com o bem-estar social e emocional existe uma menor concordância entre os filhos mais velhos e os pais do que em relação aos mais novos. Estes resultados refletem o facto dos filhos mais velhos passarem mais tempo longe dos pais e da supervisão parental e partilharem menos as suas experiências de vida com os seus pais. Os resultados são mais coerentes entre pais e crianças do que entre pais e adolescentes (Chang & Yeh, 2005; Jokovic, Locker & Guyatt, 2004).

Fatores sociodemográficos que influenciam a dinâmica familiar

Os fatores relacionados com a idade e sexo do progenitor podem alterar a dinâmica familiar e por vezes afetar a qualidade da parentalidade, pois a rede familiar é bastante dinâmica e sofre alterações de acordo com as mudanças individuais de cada membro. Existe, por exemplo, uma grande alteração na dinâmica familiar quando os jovens entram na puberdade, pois tendem a partilhar menos informação com os seus pais ou a partilhar mais informação com apenas um dos progenitores, no entanto o mais comum é os jovens preferirem partilhar informação com os seus colegas de colega ou até com familiares mais

distantes. A informação que é partilhada com os pais, é referente apenas a aspetos do dia-a-dia e assuntos que exijam pouca reflexão (Jiménez & Delgado, 2002).

As adolescentes mantêm um nível de comunicação mais alto que os jovens do sexo oposto, pois tanto o pai como a mãe mantêm um nível de comunicação mais alto com a filha. Nesta fase, as adolescentes são mais expressivas, têm uma comunicação mais clara com os seus pais e abordam temáticas relacionadas com frustrações, medos, sentimentos, enquanto que os jovens do sexo oposto são mais reservados na comunicação (Portugal & Alberto, 2013).

É também na adolescência que ocorrem as situações de maior conflito entre os jovens e os seus pais, o que influencia a dinâmica familiar (Jiménez & Delgado, 2002).

A investigação da qualidade de vida em crianças torna-se difícil de executar uma vez que as crianças por vezes têm dificuldade em interpretar as perguntas que lhes são colocadas devido à sua idade mas também pode acontecer ser devido a dificuldades cognitivas ou de aprendizagem. Por outro lado, os adolescentes, devido à sua maturação cognitiva, são capazes de destringir com clareza os conceitos de doença, saúde e qualidade de vida, tendo uma perceção mais clara dos seus estados emocionais e das suas capacidades sociais. Sendo assim, o desenvolvimento cognitivo e a idade das crianças e adolescentes são um fator importante na perceção da sua saúde e da sua qualidade de vida (Jenney & Campbell, 1997).

Existe escassa literatura sobre o impacto da idade dos pais na parentalidade, entanto segundo Canavarro e Pereira (2007), com base no resultado em estudos, quanto maior é a idade dos pais, menos positiva é a perceção dos mesmos, em relação aos comportamentos que estes apresentam com os seus filhos, nomeadamente no que diz respeito ao comportamento de rejeição e de controlo para com os filhos. Segundo o estudo destes autores, existe uma

relação entre a idade dos pais, as práticas e as dimensões dos estilos parentais para com os seus filhos.

Segundo Cruz (2013), a questão do género é uma dimensão importante na dinâmica familiar, pois os pais podem apresentar ideias distintas, visto que o seu processo de socialização foi diferente ao longo da vida, assim como a sua experiência parental, pois cada um vive a mesma experiência de maneira diferente, sendo que esta relação/correlação leva ao desenvolvimento das crianças e jovens.

Canavarro e Pereira (2007), referem no seu estudo de validação da EMBU-P, para a versão portuguesa, que as mães apresentam normalmente níveis mais elevados na perceção das dimensões do suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo, o que representa um elevado envolvimento parental por parte das mães, em todas as dimensões avaliadas relativamente ao comportamento parental.

Relativamente ao fator estatuto socioeconómico e à situação atual dos pais (empregado/desempregado), segundo Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo (2007), o desemprego tem muito impacto na vida familiar. O desemprego que leva à falta de rendimentos é causador de instabilidade nos indivíduos e nas famílias. Estas instabilidades podem causar consequências graves para a família como o divórcio, desorganização familiar, maus-tratos, ou até levar a vários tipos de emoções como a frustração, o stresse e a raiva. A capacidade que se tem para pagar as despesas quotidianas vai influenciar o estado emocional e a qualidade de relação e de interação no seio familiar.

Para Alarcão (2006), a família confronta-se com dois tipos de pressão, a interna e a externa, o que leva a transformações, sendo que o que acontece a um dos elementos vai ter impacto nos restantes elementos da família, tanto a nível conjugal como a nível parental.

A perda de emprego interfere tanto na área económica, como na área social e familiar. O desemprego provoca alterações no estatuto social e no relacionamento com os outros, tornando-se uma fonte de stress, ansiedade, depressão e angústia que influencia toda a família (Serra, 2011).

Relativamente ao fator escolaridade dos pais, segundo Bayma-Freire (2009), nas famílias cujos pais têm baixo nível de escolaridade existe uma desmotivação para a continuidade dos estudos dos filhos. Existe um contexto vulnerável proveniente de muitas adversidades, no âmbito financeiro, pessoal, familiar, escolar e social. O abandono escolar não é um impulso momentâneo, mas sim o resultado de um acumular de desajustes, sendo para muitos jovens uma fuga do estado de tensão, pois os pais com baixo nível de escolaridade, não têm a formação escolar dos filhos como uma prioridade. Neste tipo de famílias a perspetiva dos pais em relação aos filhos é muito baixa e como tal preferem que o filho arranje um emprego como necessidade de subsistência, pois a sobrevivência prevalece.

A educação é muito importante para a sociedade, sendo responsável por construir o futuro da mesma. A falta de educação pode levar a indisciplina e a violência (Veiga, 2001).

Ter um grau de escolaridade superior reduz a probabilidade de se estar desempregado e aumenta a economia da família, assim como quanto mais baixo o grau de escolaridade, maior o risco de desemprego (OCDE, 2014)

Objetivos

O presente trabalho pretende estudar a perceção dos pais acerca da dinâmica familiar (Interação, Valores, *Coping*, Compromisso, e Recursos) e a perceção de qualidade de vida das crianças. Desta forma, o objetivo geral é estudar a influencia da dinâmica familiar na qualidade de vida dos filhos. Como objetivos específicos pretende-se analisar a relação entre a perceção dos pais da dinâmica familiar e qualidade de vida dos filhos com o género, idade dos progenitores, estatuto socioeconómico, situação de vida atual e escolaridade.

Desta forma pretende-se com os objetivos específicos:

- 1) Compreender e caracterizar o impacto do género dos pais na dinâmica familiar e na perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos;
- 2) Compreender e caracterizar o impacto da idade dos pais na dinâmica familiar e na perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos
- 3) Compreender e caracterizar o impacto do estatuto socioeconómico dos pais na dinâmica familiar e na perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos;
- 4) Compreender e caracterizar o impacto da situação profissional atual dos pais (empregado/desempregado) na dinâmica familiar e na perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos
- 5) Compreender e caracterizar o impacto da escolaridade dos pais na dinâmica familiar e na perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos.

Metodologia

Participantes

Tendo em conta os objetivos delineados, o presente estudo foi realizado a partir de uma abordagem quantitativa. Para o estudo, foram selecionados participantes através do método de amostragem não probabilística, por conveniência. A seleção dos participantes foi feita com base em terem pelo menos um filho com idade entre os 6 e os 16 anos de idade. Tendo em conta esta seleção, os locais de recolha de dados foram principalmente escolas e centros de estudo, pois é onde se tem mais fácil acesso e em maior número pais com estas características.

Fizeram parte deste estudo um total de 1096 pais, com filhos com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos de idade, dos quais 855 (78%) eram do género feminino e 241 (22%) do género masculino. Os participantes têm idades compreendidas entre os 22 e os 80 anos de idade ($M= 41,66$ e $DP= 5,87$).

Do total de participantes 30% referem ter 1 filho ($n= 222$); 55,3% referem ter 2 filhos ($n= 410$) e 14,7% referem ter três ou mais filhos ($n= 109$). A nível de escolaridade 55,2% ($n= 593$) tem a escolaridade obrigatória enquanto 44,8% ($n= 481$) tem formação superior. No que se refere ao estatuto socioeconómico 35,6% ($n= 388$) é de elevado estatuto; 15,1% ($n= 164$) é de médio estatuto e 49,3% ($n= 537$) é de baixo estatuto socioeconómico. Relativamente à situação atual dos participantes 92,5% ($n= 981$) encontram-se empregados, enquanto que apenas 7,5% ($n= 79$) estão desempregados.

Instrumentos

A Dinâmica Familiar será medida pela Escala de Estilo do Funcionamento Familiar (EEFF) de Dunst, Trivette e Deal (1988). Esta escala explora os aspetos positivos do funcionamento familiar e mede até que ponto uma família, individual ou em grupo, acredita

que a sua família é caracterizada por forças, capacidades e competências para mobilizar os seus recursos e suportes para suprir as suas necessidades em resposta a crises e stresses. A Escala de Estilo do Funcionamento Familiar é um questionário de auto-relato de 26 itens e abrange cinco domínios: padrões interacionais, que contém 5 itens (12, 14, 16, 18 e 19), valores familiares, que inclui 9 itens (1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 13 e 20), estratégias de enfrentamento, que compreende 3 itens (10, 11 e 17), compromisso familiar, que abrange 7 itens (15, 21, 22, 23, 24, e 26) e mobilização de recursos, que contém 2 itens (3 e 7). Os itens são classificados numa escala de Likert, de 5 pontos, que vão desde “nada como a minha família” a “quase sempre como a minha família”. Esta escala também pode ser usada como uma ferramenta de avaliação e medida de resultado. Para a análise dos resultados foram utilizadas as dimensões propostas por Boylu et al. (2013), que obtiveram um alfa de Cronbach de 0.89 para a totalidade dos itens da escala.

A Qualidade de Vida dos Filhos percebida pelos pais foi medida através do instrumento Kidscreen-10 para pais proposto por The KIDSCREEN Group Europe (2006) e validado para a população portuguesa por Matos e Gaspar (2009). Este instrumento é uma versão reduzida do KIDSCREEN-52, que mede a qualidade de vida em crianças e adolescentes, é um questionário de auto-preenchimento, do qual foram selecionadas 10 dimensões que são elas: (1) Saúde e Atividade Física (5 itens); (2) Sentimentos (6 itens); (3) Estado de Humor Global (7 itens); (4) Auto-perceção (sobre si próprio) (5 itens); (5) Autonomia/Tempo Livre (5 itens); (6) Família e Ambiente Familiar (6 itens); (7) Questões Económicas (3 itens); (8) Amigos (Relações interpessoais de apoio social) (6 itens); (9) Ambiente Escolar e Aprendizagem (6 itens); (10) Provocação (Bullying) (3 itens). Os resultados são estratificados por idade, género e estatuto socioeconómico. Os valores de

consistência interna (alfa de Cronbach) das dimensões do Kidscreen têm um valor global médio de 0,80, o que confirma a elevada consistência interna da escala.

Procedimento

O presente estudo faz parte de uma investigação mais vasta coordenada e desenvolvida por investigadores do CLISSIS (Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social). É importante salientar que o estudo tem autorização do MIME (monitorização de inquéritos em meio escolar), que preserva a autonomia das escolas/agrupamentos, e tem parecer favorável da comissão Nacional de Proteção de Dados.

Inicialmente de forma a proceder-se à recolha de dados, os diretores das escolas foram contactados e convidados a participar no estudo, assim como também os centros de estudo onde era explicada a informação supramencionada. Após a aceitação por parte da direção das escolas e dos responsáveis dos centros de estudo, a presente investigação foi apresentada aos pais numa reunião, onde foi solicitada a colaboração dos mesmos e após aceitação procedeu-se à distribuição dos questionários, sendo que nos casos em que a aplicação do instrumento não podia ser feita diretamente com os pais, era deixado ao cuidado das pessoas responsáveis da instituição e posteriormente recolhidos pela investigadora. Embora os questionários sejam de auto-preenchimento, por vezes foram aplicados na presença da investigadora para esclarecimento de eventuais questões.

De forma a se conseguir o emparelhamento e ao mesmo tempo garantir o anonimato e confidencialidade, os questionários foram numerados, atribuindo um número diferente para cada família (pais e filhos).

Depois dos questionários serem recolhidos, os dados foram inseridos numa base de dados, previamente construída e disponibilizada pela coordenadora do estudo. De seguida a análise estatística dos dados, foi efetuada a partir do programa estatístico SPSS, onde foram

realizados os cálculos necessários para estudar as variáveis deste estudo, sendo que os resultados serão apresentados na parte deste trabalho designada como apresentação dos resultados, que corresponde ao capítulo seguinte.

Resultados

A apresentação dos resultados descreve os dados provenientes da recolha de dados e tratamento estatístico tendo em conta os objetivos propostos.

Tabela 1 - *Distribuição nas dimensões da escala de estilos de funcionamento familiar*

Dimensões	Mínimo	Máximo	M	DP
Interação	1	5	3,88	0,83
Valores	1	5	4,06	0,76
Coping	1	5	3,46	0,83
Compromisso	1	5	3,93	1,09
Recursos	1	5	3,01	0,53

Na Tabela 1 observa-se que, a dimensão interação, apresenta uma média de respostas de 3,88, sendo o valor mínimo 1 e o máximo 5 em todas as dimensões. A dimensão valores apresenta uma média de 4,06, a dimensão *coping* de 3,46, a dimensão compromisso de 3,93 e a dimensão recursos de 3,01. Observa-se assim que existe uma tendência dos participantes a níveis mais elevados nas dimensões valores, interação e compromisso, ou seja, respostas mais positivas e níveis mais baixos nas dimensões *coping* e recursos, ou seja, respostas mais negativas.

Tabela 2 - *Distribuição nas dimensões da escala Kidscreen-10*

Kidscreen-10	Mínimo	Máximo	M	DP
Qualidade de vida	1	5	3,94	0,53

Na tabela 2 observa-se que a dimensão qualidade de vida apresenta uma média de 3,94 pontos na escala de Likert, ou seja, existe uma perceção relativamente positiva da qualidade de vida dos filhos.

Análise de Variância (ANOVA)**Tabela 3** - *Diferenças de médias entre a dinâmica familiar e o género dos pais*

Dimensões	Feminino		Masculino		F
	M	DP	M	DP	
Interação	3,90	0,84	3,79	0,77	2,91 (n.s)
Valores	4,07	0,78	4,04	0,69	0,18 (n.s)
<i>Coping</i>	3,48	0,83	3,38	0,83	2,27 (n.s)
Compromisso	3,93	0,83	3,94	0,71	0,02 (n.s)
Recursos	3,05	1,10	2,84	1,04	3,17 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

De acordo com a tabela 3, não existem diferenças significativas entre os grupos, em nenhuma das dimensões da dinâmica familiar, no entanto observa-se que a média de respostas dos participantes do género feminino é superior à do género masculino em quase todas as dimensões à exceção da dimensão compromisso em que o género feminino apresenta uma média de respostas de 3.93 e o género masculino de 3.94.

Tabela 4 - *Diferenças de médias entre a qualidade de vida dos filhos e o género dos pais*

Dimensão	Feminino		Masculino		F
	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	3,93	0,53	3,99	0,54	2,26 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Segundo a tabela 4, não existem diferenças estaticamente significativas entre o género dos pais e qualidade de vida dos filhos.

Tabela 5 - Diferenças de médias entre a dinâmica familiar e a idade dos pais

Dimensões	Até 35 anos		36-45 anos		46 ou mais anos		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Interação	3,85	0,86	3,93	0,80	3,78	0,87	2,82 (n.s)
Valores	3,95	0,79	4,09	0,74	4,04	0,81	1,44 (n.s)
Coping	3,40	0,86	3,50	0,79	3,38	0,90	2,24 (n.s)
Compromisso	3,63	0,97	4,00	0,76	3,89	0,86	4,78**
Recursos	3,05	1,13	3,04	1,08	2,92	1,01	0,54 (n.s)

Nota:*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Verifica-se na tabela 5 que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos na dimensão compromisso ($F= 4,78$; $p= 0,009$), sendo que os progenitores com idades entre os 36 e 45 anos são os que mais estabelecem compromissos com os filhos e os progenitores até 35 anos são os que menos estabelecem. Observa-se também que as restantes dimensões não apresentam diferenças significativas.

Tabela 6 - Diferenças de médias entre a qualidade de vida dos filhos e a idade dos pais

Dimensões	Até 35 anos		36-45 anos		46 ou mais anos		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	3,92	0,55	3,94	0,52	3,95	0,55	0,16 (n.s)

Nota:*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Observa-se na tabela 6 que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos na dimensão qualidade de vida dos filhos, ou seja, a perceção da qualidade de vida dos filhos não varia consoante a idade dos pais.

Tabela 7 - Diferenças de médias entre a dinâmica familiar e o estatuto socioeconómico

Dimensões	Elevado		Médio		Baixo		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Interação	3,93	0,78	3,88	0,86	3,84	0,85	1,15 (n.s)
Valores	4,09	0,75	4,09	0,77	4,04	0,79	0,47 (n.s)
Coping	3,51	0,81	3,35	0,83	3,46	0,84	1,82 (n.s)
Compromisso	3,96	0,78	3,88	0,87	3,92	0,82	0,36 (n.s)
Recursos	3,11	1,00	3,12	1,03	2,86	1,18	3,50*

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

De acordo com a tabela 7, verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas na dimensão recursos ($F= 3,50$; $p= 0,031$), ou seja, esta dimensão varia em função do estatuto socioeconómico dos pais. É possível observar na tabela 7 que o estatuto socioeconómico baixo é o que apresenta na dimensão recursos valores de média mais baixos em comparação com os estatutos socioeconómicos médio e elevado, o que significa que os pais com estatutos socioeconómicos mais baixos, são os que possuem menos recursos para dar aos seus filhos.

Tabela 8 - Diferenças de médias entre a qualidade de vida e o estatuto socioeconómico

Dimensões	Elevado		Médio		Baixo		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	3,96	0,53	3,88	0,46	3,94	0,53	1,11 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Conforme se pode observar na tabela 8, não existem diferenças estatisticamente significativas entre a perceção da qualidade de vida dos filhos e o estatuto socioeconómico dos pais.

Tabela 9 - *Diferenças de médias entre a dinâmica familiar e a situação profissional atual dos pais*

Dimensões	Empregado		Desempregado		F
	M	DP	M	DP	
Interação	3,89	0,82	3,73	0,97	2,27 (n.s)
Valores	4,07	0,75	3,95	0,98	1,48 (n.s)
Coping	3,46	0,82	3,43	0,97	0,07 (n.s)
Compromisso	3,96	0,77	3,59	1,12	7,56**
Recursos	3,02	1,08	2,72	1,13	3,07 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Verifica-se na tabela 9, que existem diferenças estatisticamente significativas na dimensão compromisso ($F=7,56$; $p= 0,006$), ou seja, os compromissos variam em função da situação profissional atual dos pais (empregado/desempregado), sendo que os pais que estão empregados estabelecem mais compromissos com os seus filhos do que os pais que estão desempregados. Observa-se também que em todas as dimensões a média dos pais desempregados é mais baixa do que a dos pais empregados, o que significa que a situação atual dos pais (desempregado), influencia de forma negativa a dinâmica familiar.

Tabela 10 - *Diferenças de médias entre a qualidade de vida e a situação profissional atual dos pais*

Dimensões	Empregado		Desempregado		F
	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	3,93	0,53	4,07	0,50	3,99*

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Observa-se na tabela 10, que existem diferenças estatisticamente significativas ($F=3,99$; $p=0,046$), concluindo-se que a perceção da qualidade de vida dos filhos é influenciada pela situação profissional atual dos pais (empregado/desempregado).

Tabela 11 - *Diferenças de médias entre a dinâmica familiar e a escolaridade dos pais*

Dimensões	Até escolaridade obrigatória		Formação superior		F
	M	DP	M	DP	
Interação	3,83	0,87	3,94	0,76	3,69 (n.s)
Valores	4,01	0,79	4,13	0,72	5,43*
<i>Coping</i>	3,46	0,86	3,47	0,79	0,02 (n.s)
Compromisso	3,90	0,83	3,96	0,78	0,69 (n.s)
Recursos	2,92	1,14	3,11	1,02	4,27*

Nota:*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Segundo a tabela 11, existem diferenças estatisticamente significativas nas dimensões valores ($F=5,43$; $p=0,020$) e recursos ($F=4,27$; $p=0,039$), concluindo-se que os pais com um grau de escolaridade mais elevado, transmitem melhores valores aos filhos, bem como lhes proporcionam mais recursos, do que os pais com um grau de escolaridade mais baixo.

Tabela 12 - *Diferenças de médias entre a qualidade de vida e a escolaridade dos pais*

Dimensões	Até escolaridade obrigatória		Formação superior		F
	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	3,94	0,53	3,94	0,51	0,003 (n.s)

Nota:*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Verifica-se na tabela 12 que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, no entanto é possível constatar que existem médias de igual valor nos

diferentes graus de escolaridade o que permite concluir que a perceção da qualidade de vida dos filhos é igual, independentemente do grau de escolaridade dos pais.

Regressão

Tabela 13 - Regressão linear das variáveis género e idade como tentativa de predizer a perceção da qualidade de vida (modelo 1)

	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t
	B	Erro padrão	Beta	
(Constante)	4,046	0,190		21,249
Género	-0,027	0,061	-0,021(n.s)	-0,451
Idade	-0,002	0,004	-0,021(n.s)	-0,455

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Tabela 14 - Regressão linear das variáveis género, idade, interação, valores, coping, compromisso e recursos como tentativa de predizer a perceção da qualidade de vida (modelo 2)

	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t
	B	Erro padrão	Beta	
(Constante)	3,535	0,226		15,615
Género	-0,042	0,059	0,033(n.s)	-0,723
Idade	-0,001	0,004	-0,012(n.s)	-0,262
Interação	0,162	0,060	0,260**	2,688
Valores	0,111	0,068	0,166(n.s)	1,645
Coping	0,032	0,039	0,053(n.s)	0,831
Compromisso	-0,136	0,058	-0,204*	-2,359
Recursos	-0,054	0,024	-0,110*	-2,209

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Observando a tabela 13, no modelo 1 pode-se verificar que o gênero ($B = -0,027$; $p = 0,652$) e a idade ($B = -0,002$; $p = 0,649$) dos pais não explicam em termos estatisticamente significativos a percepção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos, no entanto na tabela 14 (modelo 2), ao inserir as dimensões da dinâmica familiar é possível observar que as variáveis interação ($B = 0,162$; $p = 0,007$), compromisso ($B = -0,136$; $p = 0,019$) e recursos ($B = -0,054$; $p = 0,028$) são variáveis explicativas da percepção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos. No seu conjunto, o total das variáveis do modelo 1, explicam 3% da variância [$R = 0,031$; $F = 0,225$ (2,465), $p = 0,798$]. Já no modelo 2, o total das variáveis no seu conjunto explicam 28% da variância [$R = 0,275$; $F = 5,383$ (7,460), $p = 0,001$].

Discussão

Os objetivos específicos desta investigação são verificar de que forma as variáveis sociodemográficas (género, idade, estatuto socioeconómico, situação atual dos pais e escolaridade) influenciam a dinâmica familiar e a perceção que os pais têm da qualidade de vida dos filhos.

Compreender e caracterizar o impacto do género dos pais na dinâmica familiar e na perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos

Segundo Cruz (2013), o género dos pais é uma dimensão importante na dinâmica familiar, pois ambos podem ter ideias e pensamentos distintos, uma vez que ao longo da vida foram tendo experiências e processos de socialização diferentes.

Embora os resultados do estudo indiquem que não existem diferenças estatisticamente significativas, verifica-se pela tabela 3 que o género feminino apresenta médias superiores ao do género masculino em quase todas as dimensões da dinâmica familiar o que segundo Coutinho & Menandro (2015), pode ser justificado pelo facto de já na idade média as tarefas relacionadas com a casa e os filhos estarem ligadas à mulher enquanto o homem trabalhava e passava muitos dias fora. Embora hoje em dia a mulher também esteja integrada na sociedade e trabalhe, continua a ter um maior destaque nas tarefas que dizem respeito a cuidar da casa, dos filhos, orientá-los, ajudá-los nas tarefas escolares e dar apoio emocional. Isto pode explicar que o género feminino apresente uma maior dinâmica familiar que o género masculino, uma vez que já desde à muitos anos a mulher tem um papel mais significativo na família do que o homem.

Compreender e caracterizar o impacto da idade dos pais na dinâmica familiar e na percepção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos.

Nos resultados deste estudo é possível verificar, segundo a tabela 5, que existem diferenças estatisticamente significativas na dimensão compromisso, sendo os progenitores mais novos (até 35 anos), aqueles que menos estabelecem compromisso e os progenitores entre os 36 e 45 anos aqueles que mais estabelecem.

Segundo Jiménez & Delgado (2002), o fator idade dos progenitores pode alterar a dinâmica familiar, assim como a qualidade da parentalidade, uma vez que a rede familiar é bastante dinâmica e sofre alterações de acordo com as mudanças individuais de cada membro.

Foi possível verificar que existe muito pouca literatura sobre o assunto, daí também a importância deste estudo.

Relativamente à relação entre a idade dos progenitores e a qualidade de vida dos filhos foi possível verificar (tabela 6), que a percepção da qualidade de vida dos filhos não varia consoante a idade dos pais, o que pode justificar também a falta de literatura existente.

Compreender e caracterizar o impacto do estatuto socioeconómico dos pais e da sua situação profissional atual (empregado/desempregado) na dinâmica familiar e na percepção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos.

Uma vez que se tratam de variáveis que estabelecem uma relação íntima entre si, irão ser analisadas em conjunto.

Relativamente ao estatuto socioeconómico, segundo a tabela 7 existem diferenças estatisticamente significativas na dimensão recursos, sendo os pais com estatutos socioeconómicos mais baixos, aqueles que possuem menos recursos para dar aos seus filhos.

Já relativamente à situação atual dos pais, segundo a tabela 9, existe diferenças significativas na dimensão compromisso, sendo que os pais que estão empregados estabelecem mais compromisso com os seus filhos do que os pais que estão desempregados.

No que diz respeito à perceção da qualidade de vida, relativamente ao estatuto socioeconómico não existem diferenças estatisticamente significativas (tabela 8), mas no que diz respeito à situação atual dos pais é possível verificar na tabela 10, que esta variável influencia a perceção da qualidade de vida dos filhos.

Segundo Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo (2007), o desemprego tem muito impacto na vida familiar. O desemprego que leva à falta de rendimentos é causador de instabilidade nos indivíduos e nas famílias. Estas instabilidades podem causar consequências graves para a família como o divórcio, desorganização familiar, maus-tratos, ou até levar a vários tipos de emoções como a frustração, o stresse e a raiva. A capacidade que se tem para pagar as despesas quotidianas vai influenciar o estado emocional e a qualidade de relação e de interação no seio familiar.

Para Alarcão (2006), a família confronta-se com dois tipos de pressão, a interna e a externa, o que leva a transformações, sendo que o que acontece a um dos elementos vai ter impacto nos restantes elementos da família, tanto a nível conjugal como a nível parental.

A perda de emprego interfere tanto na área económica, como na área social e familiar. O desemprego provoca alterações no estatuto social e no relacionamento com os outros, tornando-se uma fonte de stress, ansiedade, depressão e angústia que influencia toda a família (Serra, 2011).

Compreender e caracterizar o impacto da escolaridade dos pais na dinâmica familiar e na percepção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos

Segundo os resultados obtidos neste estudo (tabela 11), é possível verificar que a escolaridade dos pais tem influência nos recursos e nos valores que são transmitidos aos filhos, sendo possível verificar que os pais com grau de escolaridade mais elevado são aqueles que conseguem proporcionar mais recursos aos filhos, assim como transmitir-lhes melhores valores. Foi também possível constatar (tabela 12), que a percepção da qualidade de vida dos filhos é igual, independentemente do grau de escolaridade dos pais.

Segundo Bayma-Freire (2009), nas famílias cujos pais têm baixo nível de escolaridade existe uma desmotivação para a continuidade dos estudos dos filhos. Existe um contexto vulnerável proveniente de muitas adversidades, no âmbito financeiro, pessoal, familiar, escolar e social. O abandono escolar não é um impulso momentâneo mas sim o resultado de um acumular de desajustes, sendo para muitos jovens uma fuga do estado de tensão, pois os pais com baixo nível de escolaridade, não têm a formação escolar dos filhos como uma prioridade. Neste tipo de famílias a perspectiva dos pais em relação aos filhos é muito baixa e como tal preferem que o filho arranje um emprego como necessidade de subsistência, pois a sobrevivência prevalece.

A educação é muito importante para a sociedade, sendo responsável por construir o futuro da mesma. A falta de educação pode levar a indisciplina e a violência (Veiga, 2001). Os resultados deste estudo podem assim ser justificados pois segundo este autor o baixo grau de escolaridade dos pais vai influenciar nas relações familiares, no envolvimento parental e na educação dos seus próprios filhos.

Ter um grau de escolaridade superior reduz a probabilidade de se estar desempregado e aumenta a economia da família, assim como quanto mais baixo o grau de escolaridade,

maior o risco de desemprego (OCDE, 2014), o que conseqüentemente leva a uma menor disponibilização de recursos para os filhos tal como foi possível constatar neste estudo.

Conclusão

O sistema familiar é constituído por pessoas com diferentes características e personalidades únicas, sendo que existe uma experiência coletiva (em família), mas essa mesma experiência vai ser influenciada pela experiência individual pelo qual cada membro da família já passou. Para além da vida individual de cada membro, existe também a vida conjugal e a parentalidade, sendo que toda esta dinâmica vai influenciar a qualidade de vida de vida dos filhos.

A presente investigação pretendeu explorar a perceção dos pais acerca da dinâmica familiar e da qualidade de vida dos filhos. Desta forma, através da pesquisa bibliográfica efetuada foi possível verificar que existem vários fatores que podem influenciar tanto a dinâmica familiar como a perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos. Com este estudo pretendeu-se verificar de forma a dinâmica familiar e a perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos é influenciada pelas variáveis sociodemográficas que constituíram este estudo nomeadamente o género, a idade, o estatuto socioeconómico, a situação atual (empregado/desempregado) e a escolaridade dos pais.

Relativamente aos resultados obtidos foi verificado que, de um modo geral, a perceção que os pais têm da qualidade de vida dos filhos não é influenciada pelas variáveis estudadas, à exceção da variável situação profissional atual dos pais em que se verificou diferenças estatisticamente significativas. Já relativamente à dinâmica familiar foi possível verificar que a variável género não influencia a dinâmica familiar, mas que as variáveis idade dos pais (na dimensão compromisso), estatuto socioeconómico (na dimensão recursos), situação atual dos pais (na dimensão compromisso) e escolaridade dos pais (nas dimensões valores e recursos) têm influência na dinâmica familiar.

Como primeira limitação deste estudo, salienta-se a dificuldade em obter a amostra, pois houve uma grande dificuldade por parte dos pais em preencherem o questionário devido à extensão do mesmo, levando a desistências por parte de alguns participantes, ou por vezes apenas preencher um dos membros do casal.

A segunda limitação prende-se com o facto da escassa literatura existente sobre dinâmica familiar, existindo muito mais literatura sobre estilos parentais o que dificultou a pesquisa para a investigação, mas também é o que faz da mesma ter uma maior relevância, contribuindo para um maior conhecimento sobre o assunto.

Como sugestões para investigações futuras, em primeiro lugar, seria aplicar os questionários a um maior número de participantes, como por exemplo, avós e tios que também façam parte do seio familiar da criança, de modo a obter resultados mais fundamentados e conclusivos.

Em segundo lugar, outra sugestão seria fazer entrevistas de auto-relato ou entrevistas em grupo com várias famílias de modo a ver as diferentes perspetivas nos diferentes membros da família, podendo também estudar se dentro de um mesmo seio familiar as opiniões são idênticas ou se variam de pessoa para pessoa tendo em conta a mesma variável e dando também uma perspetiva qualitativa ao estudo o que seria um complemento aos dados já existentes.

Referências

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3ª ed.). Coimbra: Quarteto.
- American Academy of pediatrics (2005). Quality early education and child care from birth to kindergarten. *Pediatrics*, 115(1), 187-191. doi:10.1542/peds.2004-2213.
- Barker, P. (2000). *Fundamentos da Terapia Familiar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Barros, L. (2015). Intervenção com Pais: Processo e fases de mudança. Em A. I. Pereira, A. Goes, & L. Barros, *Promoção da parentalidade positiva* (pp. 1-48). Lisboa: Coisas de Ler.
- Barroso, R.G. & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52(1), 211-229.
- Bayma-Freire, H. A. (2009). *O abandono escolar no ensino médio público brasileiro: Alguns factores pessoais e familiares*. F.P.C.E.: Universidade de Coimbra.
- Bornstein, M. & Sawyer, J. (2006). Family systems. In K. McCartney & D. Phillips (Eds.), *The blackwell handbook of early childhood development, Part VI: The Social Ecology of Early Development* (pp. 381-398). Oxford: Blackwell Publishing.
- Bramston, P., Chipuer, H., & Pretty, G. (2005). Conceptual principles of quality of life: an empirical exploration. *Journal of Intellectual Disability Research*, 49(10), 728-733.
- Bramston, P., Pretty, G., & Chipuer, H. (2002). Unravelling subjective quality of life: An investigation of individual and community determinants. *Social Indicators Research*, 59(3), 261-274.
- Canavarro, M. & Pereira, A. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: a versão portuguesa do EMBU-P. *Teoria, Investigação e Prática*, 2, 271-286.

- Chang, P. & Yeh, C. (2005). Agreement between child self-report and parent proxy-report to evaluate quality of life in children with cancer. *Psycho-oncology*, 14, 125-134.
doi:10.1002/pon.828.
- Coutinho, S. M. S., & Menandro, P. R. M. (2015) Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: Um estudo intergeracional. *Psicologia e Saber Social*, 4(1), 52-71.
- Cruz, H. e Pinho, I. (2006). *Pais Uma Experiencia*. Porto: Papiro Editora.
- Cruz, O. (2013). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Dias, M. O. (2000). A família numa sociedade em mudança problemas e influências. *Gestão e Desenvolvimento*, 9, 81-102.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica – O processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Fuh, J.; Wang, S.; Lu, S. & Juang, K. (2005). Assessing quality of life for adolescents in Taiwan. *Psychiatric and Clinical Neurosciences*, 59, 11-18.
- Gaspar, T. C. G. (2016). *Aventura da Parentalidade*. Lisboa: BIPZIP.
- Gaspar, T. (2008). *Qualidade de Vida em Crianças: Fatores Pessoais e Sociais Promotores da Qualidade de Vida*. Porto: Universidade do Porto.
- Gaspar, T., & Matos, M. G. (2008). *Qualidade de Vida em Crianças e Adolescentes Versão Portuguesa dos Instrumentos Kidscreen 52*. Cruz Quebrada: Aventura Social e Saúde.
- Gaspar, T., Matos, M. G., Ribeiro, J.L. P., & Leal, I. (2006). Qualidade de vida e bem-estar em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2(2), 47-60.
- Gomes, A. (2003). A importância da família no desenvolvimento da criança. Em I. Matos, I. Páscoa, J. Leonardo, J. Torres, & M. Coelho, *V Encontro Anual dos Serviços de Psicologia e Orientação da Casa Pia de Lisboa – Comunicações* (pp. 109-126). Lisboa: Casa Pia de Lisboa.

- Harding, L. (2001). Children's quality of life assessments: a review of genetic and health related quality of life measures completed by children and adolescents. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 8, 79-96.
- Hoghughi, M. (2004) Parenting: an introduction. In M. Hoghughi & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice* (pp. 1-18). London: Sage.
- Houseknecht, S. K. & Hango, D. W. (2006). The impact of marital conflict and disruption on children's health. *Youth & Society*, 38, 58-89.
- Huebner, E.S., Suldo, S.M., Smith, L.C., McKnight, C.G. (2004). Life satisfaction in children and youth: Empirical foundations and implications for school psychologists. *Psychology in the Schools*, 41(1), 81-93.
- Jenney, M. E., & Campbell, S. (1997). Measuring quality of life. *Archives of Disease in Childhood*, 84, 347-354.
- Jiménez, A. P., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología*, 18(2), 215 -231.
- Jokovic, A., Locker, D., & Guyatt, G. (2004). How well do parents know their children? Implication for proxy reporting of child health-related quality of life. *Quality of Life Research*, 13, 1297-1307. doi: 10.1023/B:QURE.0000037480.65972.eb.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22.
- Lawford, J. & Eiser, C. (2001). Exploring links between the concepts of quality of life and resilience. *Pediatric Rehabilitation*, 4(4), 209-216.
- Lopes, M. (2012). *Apoiar na parentalidade positiva: áreas de intervenção de enfermagem*. (Tese doutoramento [Não publicada]). Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Ciências da Saúde. Recuperado de <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/10563>

- Morgan A. (2007). *Frameworks for improving young people's mental well being: assets and deficits Models*. Paper presented at: WHO/HBSC Forum, March 2007; Las Palmas.
- OECD (2014). *Education at a Glance 2014: Portugal*. Country Note. Paris : OECD.
- Pinto, M. (1997). *A infância como construção social*. Braga: Universidade do Minho.
- Pluciennik, G. A., Lazzari, M. C., & Chicaro, M. F. (2015). *Fundamentos da Família como Promotora do Desenvolvimento Infantil: Parentalidade em foco* (1ª ed.). São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.
- Portugal, A., & Alberto, I. (2013). A comunicação parento-filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 319 -326.
- Ramos, N. (2004). *Psicologia Clínica e da Saúde*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Relvas, A. P. (2004). *O Ciclo Vital da Família: Perspetiva Sistémica* (3ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Serra, A. (2011). *O stress na vida de todos os dias* (3ª ed.). Coimbra: Autor.
- Sousa, J. E. (2006). As famílias como projectos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber(e) Educar*, 11, 41-47.
- Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S. & Grilo, P. (2007). *Famílias Pobres: desafios à intervenção social*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Veiga, F. H. (2001). *Indisciplina e Violência na Escola: Práticas Comunicacionais para Professores e Pais*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Wallander, J. L. & Schmitt, M. (2001). Quality of life measurement in children and adolescents: issues, instruments and applications. *Journal of clinical psychology*, 57(4), 571-585.

Warming, H. (2003). The quality of life from a child's perspective. *International Journal of Public Administration*, 26(7) 815-829.

World Health Organization. (2012). *World health organization quality of life user manual*.
Genebra: World Health Organization.

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

- Anexo A** - Questionário KIDSCREEN-10
- Anexo B** - Questionário Escalas de Estilo de Funcionamento Familiar
- Anexo C** - Carta de autorização para os pais
- Anexo D** - Carta de colaboração direcionada aos diretores das escolas

ANEXO A

Questionário KIDSCREEN-10



Olá,
 Como estás? É isso que queremos que tu nos contes.
 Por favor lê todas as questões cuidadosamente. Escolhe e assinala a resposta mais adequada ao teu caso. Lembra-te: isto não é um teste, não existem respostas erradas. É importante que respondas a todas as questões e para nós conseguir perceber as tuas respostas claramente. Quando pensas na tua resposta, por favor, tenta pensar na tua última semana. Não tens que mostrar as tuas respostas a ninguém. E ninguém teu conhecido vai ver o teu questionário depois de o teres terminado.

És rapaz ou rapariga?
 Rapaz
 Rapariga

Que idade tens? _____

Tens alguma Necessidade Educativa Especial, deficiência, doença ou condição crónica que dificulte o teu dia-a-dia?

Não
 Sim

Em caso afirmativo, qual/quais?

1. Saúde e atividade física

	Excelente	Muito boa	Boa	Má	Muito má
1. Em geral, como descreves a tua saúde?					

Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
2. Sentiste-te bem e em forma?					
3. Estiveste fisicamente ativo (ex. correste, fizeste escalada, andaste de bicicleta)?					
4. Foste capaz de correr bem?					

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
5. Sentiste-te cheio de energia?					

2. Sentimentos

Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
1. A tua vida tem sido agradável?					
2. Sentiste-te bem por estar vivo(a)?					
3. Sentiste-te satisfeito(a) com a tua vida?					
Pensa na última semana...	Nunca	raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
4. Estiveste de bom humor?					
5. Sentiste-te alegre?					
6. Divertiste-te?					



3. Estado de humor geral

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Sentiste que fizeste tudo mal?					
2. Sentiste-te triste?					
3. Sentiste-te tão mal que não quiseste fazer nada?					
4. Sentiste que tudo na vida estava a correr mal?					
5. Sentiste-te farto(s)?					
6. Sentiste-te sozinho(a)?					
7. Sentiste-te debaixo de pressão ("stressado/a")?					

4. Sobre ti próprio

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Sentiste-te feliz com a tua maneira de ser?					
2. Sentiste-te contente com as tuas roupas?					
3. Sentiste-te preocupado(a) com a tua aparência?					
4. Sentiste inveja da aparência de outros rapazes e raparigas?					
5. Gostarias de mudar alguma coisa no teu corpo?					

5. Tempo livre

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Tiveste tempo suficiente para ti próprio(a)?					
2. Foste capaz de fazer atividades que gostas de fazer no teu tempo livre?					
3. Tiveste oportunidades suficientes para estar ao ar livre?					
4. Tiveste tempo suficiente para te encontrares com os teus amigos(as)?					
5. Foste capaz de escolher o que fazer no teu tempo livre?					

6. Família, ambiente familiar e vizinhança

Pensa na última semana...	Nunca	raramente	Algumas vezes	Frequente mente	Sempre
1. Os teus pais compreendem-te?					
2. Sentiste-te amado(a) pelos teus pais?					
3. Sentiste-te feliz em casa?					
4. Os teus pais tiveram tempo suficiente para ti?					
5. Os teus pais trataram-te com justiça?					
6. Foste capaz de conversar com os teus pais quando quiseste?					



7. Questões económicas

Pensa na última semana...	Nunca	raramente	Algumas vezes	Frequente mente	Sempre
1. Tiveste dinheiro suficiente para fazer as mesmas atividades que os teus amigos(as)?					
2. Tiveste dinheiro suficiente para as tuas despesas?					
Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
3. Tiveste dinheiro suficiente para fazer atividades com os teus amigos(as)?					

8. Amigos (as)

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Passaste tempo com os teus amigos(as)?					
2. Fizeste atividades com outros rapazes e raparigas?					
3. Divertiste-te com os teus amigos(as)?					
4. Tu e os teus/tuas amigos(as) ajudaram-se uns aos outros?					
5. Sentiste-te capaz de falar sobre tudo com os teus/tuas amigos(as)?					
6. Sentiste que podés confiar nos(as) teus/tuas amigos(as)?					

9. Ambiente escolar e aprendizagem

Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
1. Sentiste-te feliz na escola?					
2. Foste bom/boa aluno(a) na escola?					
3. Sentiste-te satisfeito(a) com os teus professores?					
Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequente mente	Sempre
4. Sentiste-te capaz de prestar atenção?					
5. Gostaste de ir à escola?					
6. Tiveste uma boa relação com os teus professores?					

10. Provocação

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Tens sentido medo de outros rapazes ou raparigas?					
2. Outros rapazes ou raparigas gozaram contigo?					
3. Outros rapazes ou raparigas provocaram-te?					

ANEXO B

Questionário Escalas de Estilo de Funcionamento Familiar



PEDIMOS A SUA COLABORAÇÃO NESTA INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ A SER REALIZADA EM PORTUGAL.

Pretendemos caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte social e como estes influenciam o bem-estar dos filhos dos 6 aos 16 anos de idade.

Os dados recolhidos destinam-se a procedimentos meramente estatísticos, tendo em vista o alargamento dos conhecimentos nesta área, bem como, ponderar formas de intervenção adequadas às necessidades. Os dados serão recolhidos através do instrumento seguinte e tem um tempo aproximado de resposta de 30 minutos.

A sua colaboração é fundamental. Sinta-se livre de aceitar ou recusar participar no estudo. Asseguramos que todos os dados por si fornecidos são confidenciais.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas lhe pedimos que responda a todas as questões apresentadas com a máxima sinceridade possível. Sempre que lhe surgirem dúvidas, poderá esclarecê-las junto da pessoa que está na sala a aplicar os questionários. Muito obrigada pela sua colaboração.

1. Idade _____

2. Estado Civil

Solteiro(a)	<input type="checkbox"/>
União de Facto	<input type="checkbox"/>
Casado(a)	<input type="checkbox"/>
Separado(a)	<input type="checkbox"/>
Divorciado(a)	<input type="checkbox"/>
Viúvo(a)	<input type="checkbox"/>

3. Género

Feminino	<input type="checkbox"/>
Masculino	<input type="checkbox"/>

4. Quantos filhos tem? _____

4.1. Idade(s) de cada filho(a) _____

5. Nível de escolaridade

Não sabe ler nem escrever	<input type="checkbox"/>		
Não completou o Ensino Básico	<input type="checkbox"/>		
Ensino Básico	1º Ciclo	<input type="checkbox"/>	2º Ciclo
Ensino Secundário	10º Ano	<input type="checkbox"/>	11º Ano
Licenciatura			3º Ciclo
Mestrado			12º Ano
Doutoramento			<input type="checkbox"/>

6. Área de residência

Aldeia	<input type="checkbox"/>
Vila	<input type="checkbox"/>
Cidade	<input type="checkbox"/>

7. Pessoa com quem coabita

Sozinho(a)	<input type="checkbox"/>
Cônjuge	<input type="checkbox"/>
Cônjuge e Filhos	<input type="checkbox"/>
Filhos	<input type="checkbox"/>
Outros parentes	<input type="checkbox"/>

8. Situação profissional

Empregado(a) por conta própria	<input type="checkbox"/>
Empregado(a) por contra de outrem	<input type="checkbox"/>
Desempregado(a)	<input type="checkbox"/>
Reformado(a)	<input type="checkbox"/>
Outra _____	<input type="checkbox"/>

9. Profissão _____



Dados do Agregado Familiar e do (s) Filho (s) com idades entre os 6 e os 16 anos (se tiver mais do três filhos com estas idades responda em relação aos 3 mais velhos):

10. Escolaridade

1º Ciclo
2º Ciclo
3º Ciclo
Secundário

Filho1	Filho2	Filho3

11. Frequenta o ensino:

Público
Privado
IPSS

Filho1	Filho2	Filho3

12. O seu educando frequenta atividades extracurriculares?

Não
Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

12.1. Quantas atividades extracurriculares tem?

1
2 a 3
Mais de 4

Filho1	Filho2	Filho3

12.2. Quais ? _____

12.3. Com que frequência?

0-1 p/semana
2-3 p/semana
4-8 p/semana
Mais de 7 vezes p/ semana

Filho1	Filho2	Filho3

13. Pratica(m) modalidades desportivas regularmente?

Não
Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

13.1. Número de vezes por semana

2 vezes
1 vezes
+ 3 vezes

Filho1	Filho2	Filho3

13.2. Desportista(s) federado?

Não
Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

14. O(s) seu(s) educando(s) frequenta(m) um Centro de Estudos ou ATL?

Não
Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

Qual a razão? _____



15. Com que antecedência chega(m) o seu(s) filho(s) à escola antes da 1ª aula do dia ?

	Filho1	Filho2	Filho3
15min ou hora certa			
30min			
1h			

16. A que horas chega(m) geralmente a casa?

	Filho1	Filho2	Filho3
Antes das 17h30			
Entre as 17h30 e às 19h30			
Depois das 19h30			

17. A que horas costuma deitar o seu(s) educando(s)?

	Filho1	Filho2	Filho3
Antes das 20h30			
Entre as 20h30 e às 21h30			
Depois das 22h			

Quem costuma deitar os educandos? _____

18. Como costuma(m) ocupar as suas noites?

	Filho1	Filho2	Filho3
Ler			
Ver televisão			
Sair			
Outras			

Quais? _____

19. O(s) seu(s) filho(s) vive(m) consigo?

	Filho 1	Filho 2	Filho 3
Não			
Sim			

Em caso negativo, há quantos anos é que não vive(m) com o(s) seu(s) filho(s)?

B - Mesmo que seja difícil explicar com exatidão como se relaciona ou se relacionou com os seus filhos, certamente tem uma ideia, mais ou menos precisa, de como o(s) tem educado e porque tem procedido dessa forma.

Para responder a este questionário é muito importante que tente recordar as atitudes e comportamento que tem tido em relação ao(s) seu(s) filho(s). Como verá, cada pergunta pode ser respondida de diferentes maneiras. Deve escolher a resposta que melhor reflita o comportamento que tem ou teve para com o(s) seu(s) filho(s). Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada ao seu caso, deverá preenche-la com uma cruz.

Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se tem só um filho; nesse caso, deixe a resposta em branco.

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b1. Demonstração ao(s) seu(s) filho(s), com palavras e gestos, que gosta deles(s)?				
b2. Castiga o(s) seu(s) filho(s) mesmo no caso de pequenas faltas?				
b3. Tenta influenciar o(s) seu(s) filho(s) para que ele(s) venha(m) a ser pessoa(s) bem colocada(s) na vida?				
b4. Deseja que o(s) seu(s) filho(s) seja(m) diferente em algum aspecto?				
b5. Acha que é demasiado severo(a) com o(s) seu(s) filho(s)?				
b6. Decide como o seu(s) filho(s) deve(m) vestir-se/aspeto deve(m) ter?				



	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b7. Proíbe o(s) seu(s) filho(s) de fazer coisas que outras crianças da idade dele(s) fazem por medo que lhe(s) aconteça algo de mal?				
b8. Bate ou repreende o(s) seu(s) filho(s) em frente de outras pessoas?				
b9. Preocupa-se em saber o que faz o(s) seu(s) filho(s) na sua ausência?				
b10. Quando as coisas correm mal ao(s) seu(s) filho(s), tenta compreendê-lo(s) e anima-lo(s)?				
b11. Impõe ao(s) seu(s) filho(s) mais castigos corporais do que ele(s) merece(m)?				
b12. Aborrece-se com o(s) seu(s) filho(s) porque ele(s) não o (a) ajuda(m) nas tarefas de casa como gostaria?				
b13. Quando acha que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?				
b14. Conta a outras pessoas o que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) ou diz(em), envergonhando-o(s) com isso?				
b15. Mostra interesse em que o(s) seu(s) filho(s) tire(m) boas notas?				
b16. Ajuda o(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) enfrenta(m) uma tarefa difícil?				
b17. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma"?				
b18. Fica triste por culpa do(s) seu(s) filho(s)?				
b19. Tenta estimular o(s) seu(s) filho(s) para que ele seja o melhor?				
b20. Demonstra ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s)?				
b21. Confia no(s) seu(s) filho(s) de tal forma que o(s) deixa atuar sob a sua própria responsabilidade?				
b22. Respeita as opiniões do(s) seu(s) filho(s)?				
b23. Se o(s) seu(s) filho(s) tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhos conte?				
b24. Quer estar ao lado do(s) seu(s) filho(s)?				
b25. Acha que é "forreta" e "duro(a)" para com o(s) seu(s) filho(s)?				
b26. Quando regressa a casa, o(s) seu(s) filho(s) tem que dar-lhe explicações sobre o que fez(em)?				
b27. Tenta que a infância do(s) seu(s) filho(s) seja estimulante e atrativa? (por exemplo: dando-lhe(s) bons livros, encorajando-o(s) a em passeios e excursões, etc.)				



	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b28. Elogia o comportamento do(s) seu(s) filho(s)?				
b29. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrifícios que temos feito para o teu bem"?				
b30. Quando o(s) seu(s) filho(s) está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?				
b31. Diz ao(s) seu(s) filho(s) que não está acordo com a forma de ele(s) se comportar(am) em casa?				
b32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do(s) seu(s) filho(s)?				
b33. É brusco e pouco amável com o(s) seu(s) filho(s)?				
b34. Castiga o(s) seu(s) filho(s) com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?				
b35. Acha que o(s) seu(s) filho(s) deseja(m) que se preocupe menos com as atividades dele(s)?				
b36. Participa ativamente nos passatempos e diversões do(s) seu(s) filho(s)?				
b37. Bate ao(s) seu(s) filho(s)?				
b38. Coloca limitações estritas ao que o(s) seu(s) filho(s) pode(m) ou não fazer, obrigando-o(s) a respeitá-las rigorosamente?				
b39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao(s) seu(s) filho(s)?				
b40. Acha que há carinho e ternura entre si e o(s) seu(s) filho(s)?				
b41. Fica orgulhoso(a) do(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) consegue(m) atingir objetivo a que se propõe(m)?				
b42. Manifesta ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s) através de expressões físicas carinhosas como dar-lhe(s) palmadas nas costas, abraçá-lo(s), etc.?				

C - As questões que se seguem são relativas à sua saúde em geral. Assinale 1 resposta em cada linha.

	Melhor que o habitual	Como habitual	Pior do que o habitual	Muito pior do que o habitual
c1. Tem-se sentido perfeitamente bem de saúde?				
	Não, em absoluto	Não mais do que o habitual	Mais do que o habitual	Muito mais do que o habitual
c2. Têm sentido a necessidade de um tónico?				
c3. Tem-se sentido em baixo de forma e maldisposto?				



	Não, em absoluto	Não mais do que o habitual	Mais do que o habitual	Muito mais do que o habitual
c4. Tem-se sentido doente?				
c5. Tem tido dores de cabeça?				
c6. Tem tido uma sensação de aperto ou pressão na cabeça?				
c7. Tem tido ataques de frio ou calor?				
c8. Tem perdido o sono devido a preocupações?				
c9. Depois de adormecer acorda várias vezes?				
c10. Tem-se sentido constantemente sobre tensão?				
c11. Tem-se sentido irritável de mau humor?				
c12. Tem-se sentido assustado ou têm entrado em pânico sem razão?				
c13. Tem tido a sensação de que está tudo a cair em cima de si?				
c14. Tem-se sentido permanentemente nervoso e tenso?				
c15. Tem conseguido manter-se ativo e ocupado?				
c16. Tem levado mais tempo a fazer as tarefas normais?				
c17. Acha que, de um modo geral, tem trabalhado bem?				
c18. Sente-se satisfeito com a maneira como tem cumprido as suas tarefas?				
c19. Tem-se sentido útil no que faz?				
c20. Tem-se sentido capaz de tomar decisões?				
c21. Tem tido prazer nas suas atividades normais do dia-a-dia?				
c22. Tem-se considerado uma pessoa sem valor nenhum?				
c23. Tem sentido que já não há nada a esperar da vida?				
c24. Tem sentido que a vida já não vale a pena?				
c25. Já pensou na hipótese de um dia vir a acabar consigo?				
c26. Acha que as vezes não consegue fazer nada por causa dos nervos?				
c27. Tem dado consigo a pensar estar morto e longe de tudo?				
c28. Acha que a ideia de acabar com a sua vida está sempre a vir-lhe à cabeça?				

D - Assinale 1 resposta para cada linha

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
d1. Quando faço planos, levo-os até ao fim.					
d2. Eu normalmente acabo por conseguir alcançar os meus objectivos.					



	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
d3. Sou capaz de depender de mim próprio mais do que de qualquer outra pessoa.					
d4. Manter-me interessado nas atividades do dia-a-dia é importante para mim.					
d5. Posso estar por conta própria se for preciso.					
d6. Sinto-me orgulhoso por ter alcançado objectivos na minha vida.					
d7. Normalmente faço as coisas conforme elas vão surgindo.					
d8. Sou amigo de mim próprio.					
d9. Sinto que consigo lidar com várias coisas ao mesmo tempo.					
d10. Sou determinado.					
d11. Raramente me questiono se a vida tem sentido.					
d12. Vivo um dia de cada vez.					
d13. Posso passar por tempos difíceis porque enfrentei tempos difíceis antes.					
d14. Tenho autodisciplina.					
d15. Mantenho-me interessado nas coisas.					
d16. Geralmente consigo encontrar algo que me faça rir.					
d17. A confiança em mim próprio ajuda-me a lidar com tempos difíceis.					
d18. Numa emergência, sou alguém com quem as pessoas podem contar.					
d19. Normalmente consigo olhar para uma situação de várias perspectivas.					
d20. Às vezes obrigo-me a fazer coisas quer queira quer não.					
d21. A minha vida tem sentido.					
d22. Eu não fico obcecado com coisas que não posso resolver.					
d23. Quando estou numa situação difícil, normalmente consigo encontrar uma solução.					
d24. Tenho energia suficiente para fazer o que deve ser feito.					
d25. Não tenho problema com o facto de haver pessoas que não gostam de mim.					

E - Estão listadas em baixo 26 afirmações sobre a família. Leia cada afirmação e indique até que ponto é verdadeira para a sua família.

Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e1. Vale a pena fazer sacrifícios pessoais se beneficiar a nossa família.					
e2. Geralmente concordamos sobre como os membros da família se devem comportar.					



Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e3. Acreditamos que algo de bom resulta das piores situações.					
e4. Orgulhamo-nos mesmo do mais pequeno êxito dos membros da família.					
e5. Somos capazes de partilhar as nossas preocupações e sentimentos de maneira produtiva.					
e6. Não importa o quanto difícil as coisas fiquem, a nossa família mantém-se unida.					
e7. Geralmente pedimos ajuda a pessoas fora da família quando não conseguimos resolvê-las nós mesmos.					
e8. Concordamos sobre as coisas que são importantes para a nossa família.					
e9. Na nossa família estamos sempre dispostos a contribuir e ajudar-nos uns aos outros.					
e10. Se algo fora do nosso controlo perturba a nossa família constantemente, encontramos coisas para fazer que nos abstraíam das preocupações.					
e11. Não importa o que acontece na nossa família, tentamos ver o lado positivo.					
e12. Mesmo com horários complicados, encontramos tempo para estar juntos.					
e13. Na nossa família todos entendem as regras sobre formas aceitáveis de agir.					
e14. Amigos e parentes estão sempre dispostos a ajudar, sempre que temos um problema ou crise.					
e15. Quando temos um problema ou preocupação, somos capazes de tomar decisões sobre o que fazer.					
e16. Apreciamos o tempo que passamos juntos, mesmo que seja apenas a fazer tarefas domésticas.					
e17. Se temos um problema ou preocupação que parece exacerbação, tentamos esquecê-lo durante algum tempo.					
e18. Sempre que existem desentendimentos, os membros da família ouvem os diferentes lados da história.					
e19. Na nossa família, arranjam tempo para fazer coisas que todos concordamos serem importantes.					
e20. Na nossa família podemos depender do apoio uns dos outros sempre que algo corre mal.					
e21. Geralmente falamos sobre as diferentes formas com que lidamos com os problemas ou preocupações.					



Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e22. Na nossa família, as nossas relações sobrepõem-se às nossas posses materiais.					
e23. Decisões sobre mudanças ou toca de emprego têm por base o que é melhor para todos os membros da família.					
e24. Dependemos uns dos outros para nos ajudarmos quando surge algo inesperado.					
e25. Na nossa família, tentamos não tomar uns aos outros como garantidos.					
e26. Tentamos resolver os nossos problemas primeiro antes de pedir ajuda a outras pessoas.					

Escreva por favor todas as coisas que considera ser os principais pontos fortes da sua família. Não descure as pequenas coisas que ocorrem no dia-a-dia e que, frequentemente tomamos como garantido (ex: partilhar a responsabilidade de alimentar a(s) sua(s) criança(s) e leva-la(s) à escola.

F - Pense nas suas relações com os outros (Assinale 1 resposta para cada linha).

	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente
f1. Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostava					
f2. Estou satisfeito(a) com a quantidade de amigos que tenho					
f3. Estou satisfeito(a) com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos					
f4. Estou satisfeito(a) com as atividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos					
f5. Estou satisfeito com o tipo de amigos que tenho					
f6. Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio					
f7. Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer					
f8. Mesmo em situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer					
f9. Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntima que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas					
f10. Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a família					
f11. Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com a minha família					



	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente
f12. Estou satisfeito com o que faço em conjunto com a minha família					
f13. Não saio com amigos tantas vezes quantas eu gostaria					
f14. Sinto falta de atividades sociais que me satisfaçam					
f15. Gostava de participar mais em atividades de organizações (clubes desportivos/recreativos, partidos políticos)					

G – As seguintes questões são em relação ao(s) seu(s) filho(s), como é o/a seu/sua filho(a)? Como é que ele/ela se sente? É isso que queremos saber através de si.

Por favor responda às seguintes questões com todo o seu conhecimento, assegurando que as suas respostas refletem a perspetiva do/da seu/sua filho(a). Por favor tente recordar as experiências do/da seu/sua filho(a) na última semana.

1. Quem está a preencher o questionário ?

- Mãe
- Pai
- Madrasta/Companheira do Pai
- Padrasto/Companheiro da Mãe
- Outro, quem ? _____

FILHO 1

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

- Rapariga Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-dia?

- Sim Não

Se sim Qual? _____

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					



FILHO 2

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

Rapariga Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

Sim Não

Se sim Qual?

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					

FILHO 3

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

Rapariga Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

Sim Não

Se sim Qual?

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					

Muito obrigada pela sua colaboração, pode contactar através do gapmarcacao@lis.ulisiada.pt

ANEXO C

Carta de autorização para os pais

PEDIMOS A SUA COLABORAÇÃO E DOS SEUS FILHOS NESTA INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ A SER REALIZADA EM PORTUGAL.

O Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa no âmbito do Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social está a realizar um estudo no âmbito da Parentalidade.

Pretendemos caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte social e como estes influenciam o bem-estar dos filhos dos 6 aos 16 anos de idade.

Os dados recolhidos destinam-se a procedimentos meramente estatísticos, tendo em vista o alargamento dos conhecimentos nesta área, bem como, ponderar formas de intervenção adequadas às necessidades.

A colaboração no estudo envolve a participação de pais (pelo menos de um encarregado de educação) e dos respetivos filhos com idades entre os 6 e os 16 anos.

Os dados dos pais serão recolhidos através de um instrumento com um tempo aproximado de resposta de 30 minutos.

Os dados dos filhos serão recolhidos através de um instrumento com um tempo aproximado de resposta de 10 minutos.

A sua colaboração e dos seus filhos é fundamental. Sinta-se livre de aceitar ou recusar participar no estudo. Asseguramos que todos os dados por si fornecidos são confidenciais.

Autorizo que o(s) meu(s) educando(s) com idades entre os 6 e os 16 anos participem no estudo anteriormente apresentado.

Data

____/____/____

Autorizo

Não autorizo

Qualquer questão adicional contactar responsável da investigação

Prof^a Doutora Tania Gaspar

tania.gaspar@edu.ulusiada.pt

ANEXO D

Carta de colaboração direcionada aos diretores das escolas

Exm(a). Senhor(a). Director(a)

O Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa está a desenvolver uma investigação relacionada com o perfil parental e a sua relação com a qualidade de vida dos filhos.

O estudo pretende caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte social e como estes influenciam o bem-estar e qualidade de vida dos respetivos filhos. Pretendemos estudar pais e crianças e adolescentes dos 6 aos 16 anos de idade.

O estudo foi autorizado pelo MIME (monitorização de inquéritos em meio escolar), naturalmente, preservando a autonomia das escolas/agrupamentos, e teve parecer favorável da comissão Nacional de Proteção de Dados.

Vimos por este meio solicitar a vossa colaboração para o estudo apresentado, pensando que o mesmo pode ser uma mais-valia para ambas as partes.

Qualquer informação adicional, disponha por email para a coordenadora do Estudo tania.gaspar@edu.ulusiada.pt ou pelo 962852290

Respeitosos cumprimentos,

Tânia Gaspar

Directora do Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Lusíada de Lisboa